

LEANDRO GOMES DE BARROS

O Divorcio da Lagartixa

— E A —

PELEJA
de Antonio Baptista e
Manoel Cabeceira

Preço 300

EDITORES

Pedro Baptista & C.

17, Rua 7 de Setembro, 17-Guarabira

Estado da Parahyba do Norte

Retrato do Auctor



LEANDRO GOMES DE BARROS

Nasceu em 1865, no Municipio da
Villa do Pombal, Estado da
Parahyba e falleceu a 4 de Março de
1918, no Recife.

O divorcio da lagartixa

Existem cousas no mundo
Que nem se deve contal-as
Mas eu acho que as historias
Ninguem deve duvidal-as
Eu acho ellas no mundo
No mundo devo espalhal-as.

Um velho disse que viu
Um roulo desencardido,
Uma lagartixa braba
Pegada com o marido,
Quasi um fica sem a venta
E outro sem pé de ouvido.

A lagartixa solteira
O calangro era tambem,
Namoravam-se um do outro
Carta vai bilhete vem
Quando o pai delle deu fé
Estava queimado o cherem,

A lagartixa por isso
Levou tres surras de peia
Calangro tambem gemeu
Oito dias na cadeia
Para perder o costume
De namorar filha alheia,

Ora casou se o calangro
Embora fosse obrigado.
Botou um grande negocio
Para viver descançado.
A lagartixa em trez dias
Vø ideu-o todo fiado.

Disse um dia a lagartixa:
Eu não tenho o que almoçar.
Disse o calangro: é quem:
Disse ella: vá caçar,
Se eu hojo não ver arame,
Vamos nos divorciar.

—Você não sabia disso
Porque não ficou solteiro?
Se eu hoje não fosse sua
Seria do mundo inteiro,
Marido e caco de vidro
Se acha em qualquer cisqueiro.

O calangro disse a ella:
Voce nem pense em divorcio,
A lagartixa lhe disse:
Voce parece um beocio
Escolha das duas: uma
Eu deixal-o ou dar-lhe um socio.

Agora estou conhecendo
Que me casei illudida,
E vamos abrir divorcio
Que já estou arrependida,
Pode arrumar sua trouxa
Que eu, cuido em minha vida.

Com quatro cousas no mundo
Eu tenho me emcabulado,
Candieiro sem pavio
E fogão desmantellado,
Uma almofada sem blrro
E homem desempregado.

Disse o calangro: é bonito
Voce se divorciar!
Abandonar seu marido
Para o povo sensurar,
Ficar seu nome na rua
Gato e cachorro a fallar.

Então disse a lagartixa
Deixe queimarem meu nome
Eu não quero é que se diga
Esta damnada não come
Do que dizer-se é honrada
Mas esta morre de fome.

O calangro alli ficava
Que nem podia fallar,
Quando ouvia ella dizer
Eu vou me devociar
Puchava tanto nas barbas
Que só faltava arrancar.

Dizia ella: rapaz
Voce não pense em asneira,
Gato, mulher e cachorro
Voce acha em qualquer feira,
Voce passa por viuvo
E eu por moça solteira,

Mude-se para bem longe
Diga que é solteiro, minta
Trate de ser namorado
Que o pai della não presinta,
Não lhe custa arrumar dez
Porque hontem eu achei trinta.

Disse o calangro: meu pai
Tão bem casado viveu,
Respondeu-lhe a lagartixa
Era tanto como o meu,
Mamãe tinha dez maridos
Fora o numero que morreu.

O namoro encarde o nome
Eu conheço que é exacto
Mas eu estando na estica
Namoro cachorro e gato
Do ar engeito urubú
E da terra carrapato.

Voce repare uma coisa
Porque calculo meu não falha
Minha mãe quando morrer
Meu pae não move uma palha
Os namorados lhe dão
Vella, caixão e mortalha.

O calangro disse a ella
Minha mãe foi muito honrada
Respondeu-lhe a lagartixa
Isso de honra é palhaçada
Precisa de maior honra
Do que seja a de uma estrada?

Minha avó morreu velhinha
Porem no logar que ia
Quinze, vinte namorados
Todas as vezes trazia
Fora as duzias que ficavam
Que meu avô não sabia.

Tenho uma prima casada
Duvida? vá ver quem é
Teve um filho de uma pulga
Outro de um bicho de pé
Doze de uma cobra d'agua
Vinte e tres de um jacaré.

Disse o calangro: voce
Só pensa no que é ruim,
Respondeu a lagartiva:
Meu avô dizia assim
O mel por ser muito bom
As abelhas dão-lhe fim.

O velho observou tudo
Contou-me e eu escrivi
Se for mentira é la delle
Não estou dizendo que vi
Achei muito fundamento
Elle contou-me, eu ouvi.

Divido a esse divorcio
Foi uma encrenca damnada
O papavento que viu
A lagartixa enrascada
Carregou uma pistola
E ariou a espada.

Mandou diser ao calangro
Aonde ha campo e espada
Voce bem deve saber
Que razão é recuzada
Eu protejo a lagartixa
Morrer por ella isso é nada.

Mandou diser ao calangro
Que acceitariz o duello
Dizendo porque o que é meu
Eu faço questão e zello
Se hei de ser desfeitado
Antes morrer que é mais bello.

Elle é duro eu tambem sou
Como eu morrer elle morre
O Deus que socorre a elle
E' tambem quem me socorre
O risco que corre o pao
O machado tamhem corre.

Limpou as armas bem limpas
Amollou bem o facão
Escorvou o bacamarte
Atacou o cinturão
Disse vamos ver agora
Se o calangro é homem ou não.

Então disse a lagartixa
Vamos ver quem cae primeiro
Antes morrer o mais pobre
Do que o que tem dinheiro
Bode magro e gallo velho
Não entram no meu chiqueiro.

Um gato que andava alli
Em procura de um preá
Disse, quando soube disso
Foi muito bom eu vir cá
Esse divorcio me rende
Quero chegar até lá.

A lagartixa sahiu
Tagarellando uma lôa
Dizendo; ter dez maridos
Haverá cousa tão boa?
Quando veio um gavião
Saltou-lhe em cima, pegou-a.

Chegou o calangro lá
Deram principio ao combate
O gato foi ao calangro
Esse gritou não me mate
O papavento lhe disse:
Quem deu seu nó que desate.

A lagartixa inda disse
Quando o rapina a pegou
Questão vem da nisso mesmo
Foi o que me resultou
Gabe questão quem quizer
Para mim nunca prestou.

PELEJA

de Antonio Baptista e Manoel Cabeceira

A. B.— Sr. Manoel Cabeceira
Eu sou Antonio Baptista
Canto a 4 nu 5 annos
Mas nunca perdi conquista
Desejo cantar comsigo
Tirar-lhe o panno da vista

Cabeceira—menino quem é você?
Tão novo e tão malcreado
Isso foi falta de couro
Seu pae era descuidado
Não o cortou em pequeno
Deixou-o precipitado.

B—Cabeceira eu apprendi
Na escola de Romano,
Que no lugar que cantava
Deixava a mostra do panno
Tomei licção com Ugulino
Me exercitei com Germano.

C—Eu cantei com todos esses
Antes do eenhor nascer,
Fiz Romano atropellar-se
E fiz Germano correr
Abocanhei Ugulino
Porem não pude o morder

B—Pode ter sido um Romano
Algun velho muito antigo;
O que foi meu professor
Só sendo por um castigo
E Germano da alagôa
Nunca correu de perigo.

C—Se Germano fosse vivo
Inda fosse cantador
Eu mandaria chamal-o
Juntava-o com o senhor.
Para dar de uma vez só
Em discipulo e professor.

B—Você via nessa hora
O sol gelar e tremer,
Defunto na sepultura
Erguer a frente e gemer,
O mar vomitar as aguas
As almas do céu descer.

C—No tempo que eu era moço
Que dava muito em menino,
No dia que eu pegava
Um cantador pequenino
Só quem podia acudil-o
Era Germano ou Ugulino.

B—Eu podia ter 3 annos
Ainda brincava nù,
Mas um dia fiz um velho
Subir num mandacarú,
Sem roupa; e até calçado
Com botas de couro crù.

C—Menino locô assim
Se habilita advertir;
Só sabe multiplicar.
Não sabe diminuir,
O defeito foi do mestre
Que lhe ensinou a mentir

B—Digo como José Duda!
Um cantor de Pernambuco.
Respeite-se o homem velho
Que erra porque é caduco
Quem ignorar um velho
E' tido por um maluco.

C—Em moço sempre eantei
Ccm romano no Teixeira,
Ugulino em Sergipe,
Ignacio da Catingueira
Via-se mais de 10 duzias
De cantadores crueira.

B—Romano era professor
Germano decurião
Ugulino era vigario
Patricio era capellão
E verissimo era rapaz
Servia de sachristão.

C—Voce fallou na igreja
Devia ir ao final
Quando se faz uma obra
Se aprompta rudo em geral,
Faltou-lhe o bispo e o nuncio
O papa e o cardeal.

B—Meu velho dou-lhe conselho
Afin maise a memoria
Procure o bisaco velho
Ver se ainda acha uma historia
E se despeça da vida
Como Lucifer da gloria.

C—Não admiro Alexandre
Guerrear com tal vantagem
Napoleão luctor tanto
Sò perder uma viagem,
Mas você partir a mim
Acho muita coragem.

B—Collega, vamos agora
Ver quem sustenta o rojão
Com pouco o dia amanhece
E eu tenho obrigação
O senhor está muito velho
Não aguenta questão.

C—Baptista eu sou idoso,
Porem meu nome inda brilha,
Eu ainda caço de noite
Rastejo não perco trilha,
Dou tapa em bocca de moço
Que os dentes dançam quadrilha.

B—Eu sempre ouvia dizer
Por minha mãe e meu pae,
Carreira de velho é chôto
E não chega aonde vae
E só levanta poeira
Na occasião que cae.

C—O senhor se orgulha tanto
Quando falla em mocidade
Eu nunca tive esse orgulho
Quando tinha sua idade,
Tem mais moço do que velho
No chão da eternidade.

B—A velhice nesse mundo
Pode ser equiparada
Com uma fructa na feira
Depois de estar passada,
Que no fim da feira o dono
Dá por pouco mais su nada.

C—Baptista eu sou cantador
Que não aggravo a ninguem
Canto com todos os collegas,
Porem os tratando bem,
Nunca gostei de notar
Defeitos que os outros tem.

B—Eu vi o senhor chegar
Fallando um pouco imprudente,
Contando muitas bravuras
Dando signal de valente,
Eu disse: esse velho acode
La vae madeira p'ra frente.

C—Você é moço, eu sou velho
Mas, não estou desanimado,
Barco só deve perder-se
Depois de bem carregado,
O risco que corre o páo
Corre tambem o machado.

B—Meu machado é de puro aço
Pode a tudo resistir,
Só Nicandro em Pajeù
Foi quem poudo o construir
Nicandro não faz machado
P'ra qualquer páo o partir.

C—Essas obras de Nicandro
A mim jámais admira,
Eu tenho uma fouce d'elle
Que não corta nem embira
Elle me fez um machado
Que até em sêbo se vira.

B—Vossa mercê olvidou-se
Ou quer fallar por paixão
Não vê mais aonde bate
É essa toda a razão,
Pensa que corta a madeira
Está enganado, é o chão.

C—Você tem toda razão
De o exaltar, é parente,
Quem gaba o noivo é a noiva
Isso é cousa differente
Não ha quem taxe o que é seu
Sendo desgraçadamente.

B—Cabeceira vamos ver
De nós quem mais força tem,
Desgraça não quer conselho,
Pobresa não quer vintem.
Em pilão que eu pisar milho
Pinto não come xerem.

C—Baptista já estou cansado
E não sei mais o que diga
Cantador nas suas unhas
É mesmo que ter bexiga,
O senhor é raciado
Com onça ou gallo de briga.

B—Meu velho eu sou raciado
Com homens de intelligencia
Homens que não estudaram
Porem tiveram sciencia,
Tiveram por mestre os livros
Nas aulas da Providencia.

B—E eu fiquei no lugar
De Romano no Teixeira,
De Ugulino conhecido
Por cantador de primeira
Sou inspector dessas zonas
Governo qualquer ribeira.

B—Si ainda eu tiver um filho
Esse fica em meu lugar,
Para onde eu governei
Outro não ir governar,
Aonde existir meu nome
Cantador não pode entrar.



Livros Diversos

O grande livro de S. Cypriano, A Bruxa Evora, O livro completo dos Sonhos, Os segredos da Roleta, Conselheiro dos Amantes, Manual do Namorado, Dicionario das Flores e Fructas, Cartas de Amor, O Medico da Familia, Medicina para Todos, As Mil e uma Noites, Manua de Prestidigitacão, Hypnotismo, O Orador popular, Secretario Moderno, Secretario Brasileiro, Manual do Destillador, Manual do Padeiro, Guia da Cozinheira, Aventuras de Saturnino Farandola, O Lunario Perpetuo, O Romance completo de Rocambole, A Historia do Imperador Carlos Magno, e Historia de Genoveva de Brabant.

Romances, Historias, e Novellas

Rio de Janeiro

FOLHETOS

— = |) D E (| = —

LEANDRO GOMES DE BARROS

A' VENDA NA LIVRARIA

Pedro Baptista

Soffrimentos de Alzira	1\$000
O Reino da Pedra Fina	1\$000
Vida Completa de João Tezo	1\$000
O Cachorro dos Mortos	1\$000
O Principe e a Fada	1\$000
Historia da Donzella Theodora	1\$000
A Força do Amor	1\$000
A Morte de Alonso e a Vingança de Marina	1\$000
Cancão de Fogo	1\$000
Batalha de Oliveiros com Ferrabraz	1\$ 00
A Greve Geral	1\$000
A Vida de Pedro Cem	400
1º. Debate de Josué Romano com Serrador	300
2º e 3º. debates " " "	300
Todas as luctas de Antonio Silvino	300
O Roto na porta do Nũ	300
Vida e Sermões do Padre Cicero	300
O Retirante, sua mulher e filhos	300
A Allemanha Vencida	300
Hecatombé de Garanhuns	300
O Fim da Guerra	300



—Completo sortimento dos folhetos de F. Chagas Baptista e outros autores.

Tiragem 1000 exemplares



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).